

# Juventude e memória: lembranças de tempos recentes

## Youth and memory: Memories of recent times

Carlos Henrique dos Santos Martins<sup>1</sup>  
chlobo@oi.com.br

### Resumo

*Esse trabalho é parte de uma pesquisa feita com jovens frequentadores de bailes de Black Music da cidade do Rio de Janeiro. Parte-se da afirmação de que o jovem é sujeito dotado de memória que se constrói nas relações sociais e em distintos contextos familiares. Além da investigação sobre o processo de construção da memória juvenil, observou-se o significado de suas lembranças e o papel que ocupam nas suas escolhas pessoais, assim como na definição de valores e normas para orientar suas trajetórias. Desse modo, através das falas de alguns dos jovens entrevistados, são apresentadas algumas articulações da memória e o papel da experiência na construção de suas identidades.*

**Palavras-chave:** *juventude, memória de jovem, identidade.*

### Abstract

*This paper is part of a research project on young people who attend Black Music dances in the city of Rio de Janeiro. We start from the assertion that the young person is endowed with memory that is built in social relations and in different family contexts. In addition to the study about the building process of young people's memory, we observed the meaning of their memories and the role they play in their personal choices, as well as in the definition of values and norms to guide their paths. Thus, through the words of some of the young people interviewed, we present some articulations of the memory and the role of experience in the construction of their identities.*

**Key words:** *youth, young people's memory, identity.*



<sup>1</sup> Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca - CEFET-RJ. Av. Maracanã, 229, 20271-110, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

## Apresentação

As escolhas pessoais dos jovens, não só naquilo que diz respeito às expressões culturais, como também à elaboração de suas trajetórias, são originadas no campo da memória, pois é em suas instâncias que o passado e o futuro se encontram. Estas podem estar orientadas segundo valores, normas e experiências apreendidas ou vivenciadas em contextos familiares e sociais nos quais há a presença do grupo como referência. Sendo assim, a memória não pode ficar restrita apenas à sua possibilidade de armazenamento, apesar de esta ser a sua dimensão mais valorizada. Importa saber o que se faz com aquilo que se lembra. Ao participar da memória, o jovem entra em contato consigo mesmo, pois se re-conhece e se encontra com o seu espaço social de referência, na sua individualidade. Com o auxílio da memória, ele recupera a trajetória que orienta a elaboração da identidade como expressão de sua unidade, que é a complexa soma de tudo aquilo que o constitui como homem. A memória envolve também relações de socialização que podem ser estabelecidas nas afinidades intergeracionais que se configuram em diversos espaços de convívio. Através dela, podem emergir os elementos fundamentais para a elaboração de identidades juvenis. Uma socialização rica de elementos significativos guardados na memória dos adultos e capazes de habitar o cotidiano das relações sociais. E, desse modo, transformar-se em elementos constitutivos da memória juvenil, estabelecendo, com isso, importantes relações intermemônicas que venham influenciar a ação, a identidade e a intergeracionalidade.

Esse trabalho é parte de uma pesquisa (ver Martins, 2010), feita com jovens frequentadores de bailes de Black Music da cidade do Rio de Janeiro. Além da investigação sobre o processo de construção da memória juvenil, observou-se o significado de suas lembranças e o papel que ocupam nas suas escolhas pessoais, assim como na definição de valores e normas para orientar suas trajetórias. Desse modo, em decorrência dos limites impostos a este texto, através das falas de alguns jovens, são apresentadas algumas articulações da memória e o papel da experiência na construção de suas identidades.

## Memória é identidade

A pertinência de aproximação entre identidade e memória situa-se na tentativa de mostrar que a identidade – que representa a unidade do diverso que se expressa no homem – somente é possível pelo caminho da memória como expressão dessa individualidade. Para Gatto,

*[à] medida que o homem está à disposição da memória, tudo pode ser na perspectiva do memorável enquanto habita a memória. Ela conduz à unidade, leva à unidade, pois tudo o que é e se dá somente adquire a possibilidade de ser o que é sendo, na perspectiva em que se dá na unidade do um que a tudo reúne. [...] Tudo o que percebemos e podemos perceber, inclusive nós mesmos e a diversidade que somos para nós, somente assume a possibilidade de ser o que é na medida em que estamos na disposição da memória. Apenas pela memória as coisas que são assumem sua própria identidade (2009, p. 200).*

Nesse sentido, reafirma-se a relação intrínseca da identidade – como expressão da individualidade que se concretiza no campo da memória – com a unidade. Essa afinidade envolve a memória como síntese que expressa a relação entre o passado, o presente e o futuro, que se encontram para além de uma temporalidade comprometida com a noção de linearidade. As idas e vindas pelas dimensões do tempo nos sugerem um movimento espiral pouco ordenado que se consolida pela memória e sua faculdade de relacionar essas dimensões. Carlos Brandão considera que a memória é o exercício através do qual o indivíduo recupera sua identidade, de reconstrução do sujeito cujas reminiscências possibilitariam a restauração de momentos biográficos sem uma linearidade temporal. Essas lembranças desordenadas<sup>2</sup> no tempo teriam a função de auxiliar a explicação de “uma sociedade, uma experiência coletiva, de uma cultura, da identidade de um nós” (Brandão, s.d., p. 5). Significa dizer que as reflexões apontadas até aqui nos permitem destacar o caráter individual da memória.

Diversos autores têm se debruçado em análises sociológicas que nos permitem estabelecer essa relação de interdependência entre a identidade e a memória. Afinal, um homem sem memória é um homem sem identidade, sem passado, sem história e sem razão de ser no mundo. Para Michael Pollak (1992, p. 204), existe uma “ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade”. Essa identidade é elaborada em referência ao outro e não em função do outro. Refere-se aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio de negociação direta com os outros. A memória juvenil é importante para a identidade que não é elaborada apenas conforme os valores da geração antecedente. Portanto, essas identidades podem apontar para transformação do espaço social.

Para Giddens (2001, p. 56), “a identidade é a criação de constância através do tempo, a verdadeira união do passado com um futuro antecipado”. Como construção subjetiva processual, possui relação com memória e trajetória. Constitui-se, de acordo com Melucci (2004), em um processo inter-relacional de reconhecimento intrassubjetivo e relacional intersubjetivo. Para esse autor, a identidade

<sup>2</sup> “Múltipla e errante, tanto quanto o desejo e a saudade que nutrem dela e a alimentam de símbolos, a memória não é uma *faculdade*, mas um *processo* que liga funções e dimensões de ordens diferentes” (Brandão, s.d., p. 9).

*[d]efine, portanto, nossa capacidade de falar e de agir, diferenciando-nos dos outros e permanecendo nós mesmos. Contudo, a auto-identificação deve gozar de um reconhecimento intersubjetivo para poder alicerçar nossa identidade. A possibilidade de distinguir-nos dos outros deve ser reconhecida por esses "outros". Logo, nossa unidade pessoal, que é produzida e mantida pela auto-identificação, encontra apoio no grupo ao qual pertencemos, na possibilidade de situar-nos dentro de um sistema de relações. A construção da identidade depende do retorno de informações vindas dos outros. Cada um deve acreditar que sua distinção será, em toda oportunidade, reconhecida pelos outros e que existirá reciprocidade no reconhecimento intersubjetivo (Melucci, 2004, p. 45).*

O sentido de pertencimento ao grupo através da identificação com o coletivo é o que garante a manutenção da identidade singular e, desse jeito, da memória individual que serve de subsídio para a elaboração dessa mesma identidade. Dentre as várias classificações apresentadas por Halbwachs (2004) para os estudos da memória, destacam-se a memória individual, que, segundo ele, "são lembranças organizadas e agrupadas em torno de uma pessoa definida, sob seu próprio ponto de vista", e a memória coletiva, entendida como "lembranças distribuídas no interior de uma sociedade grande ou pequena de que elas são tantas outras imagens parciais" (Halbwachs, 2004, p. 50). Esse exercício de reconstrução das lembranças indica uma contribuição importante para a definição dos gostos dos jovens participantes da comunidade afetiva<sup>3</sup>. A memória juvenil está relacionada com as sociabilidades costumeiras (Martins, 2000), que ocorrem na convivência com as gerações que antecedem aos jovens e que são estabelecidas, principalmente, no ambiente familiar. Nesse contexto, destacam-se a experiência e a transmissão como dois aspectos fundamentais que vêm ao encontro da necessidade de maior aproximação entre juventude e memória.

### Memórias de experiências que construíram identidades

São as experiências inscritas na subjetividade que marcam as lembranças da memória de experiência feita (Bondía, 2002), que nos instigam a considerar não só a dimensão individual da construção da memória, como também o seu aspecto coletivo e apropriado de forma particular pelos jovens. Com relação à transmissão, refere-se ao campo da cultura e sua marca identitária de um grupo social que é estendida dos adultos para os jovens através de um processo que não os considere sujeitos passivos, mas capazes de reproduzir ou de transformar essa mesma cultura. Esse movimento de reconstrução tem a memória como fonte primária do elo intergeracional que marca a continuidade do grupo social, a expressão de uma identidade coletiva

e, no seu aspecto individual, refere-se ao processo contínuo de elaboração de uma imagem de si. Foi através de algumas de suas lembranças que alguns jovens entrevistados puderam nos trazer algumas de suas experiências mais marcantes. É o que veremos em seguida.

### Experiências de preconceito

Jeanne concluiu o ensino médio antes de completar 18 anos. Professora das séries iniciais do ensino fundamental e formada aos 17 anos, esse período após a conclusão do curso de formação parece ter sido importante e suficiente para algumas certezas. Ela afirma que desistiu do magistério, ainda que provisoriamente,

*[...] porque, primeiro, acho que só trabalharia como professora na rede pública porque na rede particular eu não me vejo escrava. Eu fiz um estágio em escola particular e eu não gostei do procedimento, não gostei até mesmo do método de ensino. Então eu preferi não passar pra essa área.*

Mesmo que deixe transparecer certo desencantamento através de sua fala, a jovem acredita que somente com a sua aprovação em um concurso público para o magistério será possível exercer a docência com alguma dignidade e respeito. A sua experiência como professora do ensino fundamental em uma escola privada foi importante para repensar alguns preconceitos com a escola pública e que foram construídos, dentre outros fatores, pelos discursos presentes na família e reforçados pela preocupação de seu pai em oferecer-lhe condições que ele julgava necessárias a uma boa escolarização. Se, para ele, o ensino privado simbolizava um ensino de boa qualidade, para Jeanne, revelou a dificuldade em lidar com a diversidade de classe e, principalmente, a racial.

*Meu pai sempre quis que eu estudasse em escola particular. Então de três a quatro anos que foi o maternal – a gente não usa mais esse termo, Pré, pra quem é professor não usa. Depois eu fui estudar numa outra escola onde só eu era negra. E eu sofri muito com o preconceito porque nas festividades eu não dançava com ninguém, eu dançava com a professora.*

A entrevista permitiu aos jovens o contato com a memória, pois, em decorrência da necessidade de olharem para trás e observar suas trajetórias, já que são também reminiscências, contribuiu para que redescobertas sejam feitas. É importante compreendê-la como ação memorialística que está impregnada de emoção e sentimentos guardados em algum lugar e cujas lembranças emergem graças a esse trabalho cuidadoso e atento da conversa. Quando falou de sua primeira experiência com a escola, Jeanne disse que

<sup>3</sup> De acordo com Halbwachs (2004, p. 39), para que a memória seja compartilhada, é necessário que a lembrança seja reconhecida e reconstruída "a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade".

"nem lembrava do fato, mas eu sempre fui julgada com muito preconceito". A importância de lidar com a memória refere-se à oportunidade de entender o presente, uma vez que as lembranças daquilo que ela experimentou ajudam a compreender o que ela é agora. Por outro lado, mais do que não lembrar, o que pode estar em jogo é a necessidade do esquecimento como estratégia de minimizar experiências traumáticas de exclusão. A sua escola constituiu-se em um universo que não possibilitava muitos espaços para a compreensão e aceitação da diversidade racial como um dos mais importantes marcadores das relações sociais no Brasil e que, naquele grupo, parecia não existir. Nesse contexto histórico, Gomes (2003, p. 82) destaca que

*[p]or mais que a escravidão e a diáspora negra tenham obtido algum sucesso na despersonalização do negro, por mais que a mistura racial tenha mesclado corpos, costumes e tradições, e por mais que o contato com o branco colonizador tenha disseminado um processo de discriminação intra-racial entre os negros e introduzido uma hierarquização racial que elege o tipo de cabelo e a cor da pele como símbolos de beleza ou de feiúra, todo esse processo não conseguiu apagar as marcas simbólicas e objetivas que nos remetem à ascendência africana. Os corpos e a manipulação do cabelo são depósitos da memória).*

Se a estratégia de invisibilidade usada pela escola foi no sentido de esconder aquilo que poderia representar um problema para as relações no seu interior, para Jeanne, foi importante para lidar, ainda que de forma precoce e covarde, com a questão do preconceito. Foi importante para construir uma visão de mundo em que pode perceber que a escola, além de espaço de difusão cultural cuja representação social do negro não está posta de forma positiva, desempenha o papel de reproduzir as marcas simbólicas que sustentam a discriminação. Ela lembra que "Quando tinha as festividades da escola eu nunca dançava com algum aluno, dançava sempre com as professoras porque na maioria das vezes os pais não deixavam, tinham preconceito". A questão do preconceito – e que envolve o racismo presente ainda de forma velada nos diversos setores da vida e que perde a visibilidade na insistência da potencialização do discurso da igualdade racial como característica da sociedade brasileira – continua a ser encarada de forma muito tímida nesses mesmos setores e, principalmente, no espaço escolar. Este, que poderia se caracterizar como ambiente privilegiado de enfrentamento desse tema, por vezes, reproduz todas as desigualdades e impedimentos daí decorrentes. A violência simbólica a que são submetidas cotidianamente crianças e jovens produz marcas, por vezes, insuperáveis e que os acompanham pelo resto de suas vidas. Alguns, ao usarem a tática do silenciamento, buscam, com isso, ignorar as consequências desses problemas e optam, por exemplo, pela suavização dos marcadores raciais que poderiam identificar a diferença. Outros fazem dessas experiências a possibilidade ímpar de assumir sua negritude e ressaltam, cada vez mais, os marcadores identitários de matriz africana.

*[...] minha mãe até conta que quando eu era pequena eu falei com ela assim: "Mãe, quero que você me pinte toda de branco".*

*E ela: "Por quê?" "Porque eu sou a pessoa mais escura da minha escola e ninguém quer sentar do meu lado". E foram coisas que só me serviram pra me fortalecer [...] não me abalei com isso. Claro que têm momentos que você fica meio chateada, poxa, mas nunca fui uma pessoa de me revoltar, até mesmo porque não via necessidade.*

Assumir-se negra resultou de um processo iniciado de forma violenta, se levarmos em consideração o que representa para uma criança sentir-se excluída, principalmente, das atividades lúdicas na escola, um espaço pouco lúdico por natureza. Ainda que não tenha a capacidade de dimensionar os danos causados por essas experiências escolares, Jeanne lembra que elas foram fundamentais para a sua conscientização como processo contínuo que não deu lugar ao rancor, mas a algumas descobertas.

*Logo depois que sai dessa escola fui para uma outra também, mas tinham uns três alunos comigo que eram negros, era mais tranquilo, em toda escola tem um processo diferente [...] eu fiquei da primeira até a sexta série, foi tranquilo, não tive problemas na escola. A escola era boa. Depois dali eu fui pra uma escola pública.*

Foi no ambiente da escola pública que ela pôde ter contato com o respeito à diferença – pelo menos por parte dos alunos – presente na diversidade e com a igualdade que pode esconder as desigualdades, mas que, apesar disso, constituiu-se em um espaço mais democrático. Isso não significa dizer que a questão do preconceito desaparece por completo, pois a escola também constituiu-se em lugar de relações sociais em que essa e outras questões podem ser varridas para debaixo do tapete do silêncio. O que vale a pena ressaltar é a retomada de consciência de pertencimento a um grupo social para o qual, historicamente, a maior parte das desigualdades parece estar reservada.

Assim como Jeanne, ao dizer da sua condição e de suas experiências, Juliana reafirma não só a sua identidade, como também a importância de saber a sua origem. Para ambas, as memórias mais significativas estão mesmo ligadas às experiências de preconceito e discriminação vivenciadas em diferentes espaços. E, assim, ela reelabora a sua memória, que a leva ao encontro com sua identidade:

Negra é raça, né. É uma raça. Vejo que é muito comum as pessoas, principalmente onde eu estou trabalhando, "ah, não, aquela pretinha, aquela morena". A pessoa neeeegrraaa, preeetttaa e aí tá falando aquela morena. E até atualmente no elevador um rapaz falou para mim assim: "oh, morena, vai subir agora?" Aí eu falei: "sim, mas eu não sou morena, sou negra". Eu chamo de branco, a minha vizinha eu chamo de amarela, "Ô, amarelinha!". Porque ela realmente é amarelinha e as pessoas, hoje em dia, eu vejo que têm muito disso, de preta. Eu não sou preta! Eu sou negra. É a minha raça e eu tenho orgulho de falar que eu sou negra. Eu gosto da palavra negra! É uma estória sofrida e eu faço questão, assim, sempre de dizer que sou negra.

Se há uma questão relacionada ao sofrimento de origem, esta, por sua vez, parece não marcar o presente. Ao contrário, serve como suporte de memória para a constante luta pela superação de qualquer aspecto que relacione o negro com a condição de inferioridade que, historicamente, lhe foi imputada. Essa luta passa necessariamente pelo reconhecimento de sua condição e pela compreensão de que a sua situação não está previamente dada ou estabelecida, mas que é fruto de construção sócio-histórica que perpetua a ausência de espaços na sociedade nos quais o povo negro esteja presente em condições iguais. Passa, também, pela necessidade de reafirmar a sua identidade negra, sua condição de jovem e mulher. Essa reafirmação ganha potência na busca por melhores condições de trabalho – ainda que não consiga enxergar que determinadas ocupações profissionais estejam relacionadas a situações preconceituosas –, mas fica evidenciada pela marca que registra a sua condição expressa através do cabelo, da variedade de penteados.

*Eu me lembro uma vez que eu fui numa entrevista numa multinacional. Eu tinha, assim, meus 20 anos. Aí, a menina que me indicou falou assim: "Olha, você vai toda social, bonitinha, prende o cabelo pro alto porque tem um pouco assim de, ah, eles são todo mundo meio metidinho, que não sei o que, não sei o que lá". Aí ela falou assim para mim: "penteia bem esse cabelo! Prende, não fala giria". [...] Hoje eu tô com o cabelo assim, que eu soltei para fazer, mas na semana que vem eu vou fazer minhas tranças de novo, minhas nagô para ficar dentro do meu estilo [...] pra mim voltar dentro do meu estilo. Eu fiquei sete meses com o cabelo assim, mas não tem nada a ver comigo. É que eu me olho no espelho e eu me acho bonita só com as minhas tranças porque combina comigo, combina com a minha cor, com a minha cara.*

É a construção da identidade étnico-racial, composta de marcadores que mudam no tempo e no espaço, que se destaca como aspecto mais relevante na sua luta quase que silenciosa e solitária por melhores condições de vida e por ocupar seu devido lugar na sociedade. Esses marcadores são acionados de acordo com cada situação, no sentido de permitir ao sujeito o reconhecimento e a aceitação de acordo com as circunstâncias. Abrir mão dessa identidade não essencializadora pode representar uma tática ocasional de estar no mundo, de acordo com os distintos contextos sociais (Sansone, 2003). Ainda que reconheça a possibilidade de existência do preconceito nos diversos setores da vida social e, principalmente, na hora de buscar trabalho, Juliana não transforma isso em bandeira de luta, nem tampouco deixa se abater por conta das muitas experiências que tenha vivenciado ou que porventura venha a vivenciar. Mais importante do que o preconceito, ou melhor, a forma que encontrou para derrubar o preconceito é demonstrando a sua competência, provando as suas capacidades laborais.

Insiste em dizer que "eu não acredito nesse negócio de preconceito. Eu sei que existe, mas talvez por uma parte, assim, minha". Apesar de saber que o preconceito está enraizado na sociedade brasileira, Juliana não acredita que ele seja determi-

nante ou que exerça alguma influência na hora de decidir quem ocupará determinado posto de trabalho. Para ela, não há preconceito que resista à competência profissional, à capacidade. Por isso está sempre disposta a 'dar a cara a tapa'.

*Eu sempre penso assim: eu sei a minha função, eu sei fazer o meu trabalho, independente de eu ser negra ou não. [...] Eu sei que existe muito isso hoje em dia, mas eu não dou a mínima importância. Eu vou e dou a cara pra bater, se tiver que ser será. E eu acho que o negro tem muito disso, não tem esse negócio assim.*

Importa ressaltar que, embora afirme não acreditar "nessa negação de preconceito", Juliana não está desconectada da realidade, nem tampouco está se distanciando do debate em torno das questões polêmicas que decorrem desse assunto. Ela apenas encontrou sua forma particular de superar a questão e que não passa, necessariamente, pelo enfrentamento. Essa escolha parece ser decorrente de suas experiências escolares guardadas na memória e que, ao serem lembradas, revelam que ela não desconhece alguns importantes espaços de preservação do preconceito em particular, mas de muitas desigualdades em geral.

*O preconceito começa dentro da escola desde que você é pequenininha, né. Ô neguinha pra lá, neguinha pra cá [...]. Nessa época em que eu era criança eu até nem me importava. Não gostava que me chamasse de neguinha, eu era uma criança. E também eu nunca cheguei em casa pra falar, pra conversar com a minha mãe, com o meu pai, pra falar: "Aí, mãe, me chamaram de neguinha, aí – eu chamava meu padrasto de pai, né – pai, me chamaram de neguinha!". Não tinha essa coisa. Eu guardava tudo pra mim [...] Não reagia! Eu ficava quieta. Às vezes eu discutia e falava: "ah, eu sou negra sim, sou neguinha mesmo", mas no fundo sempre ficava com aquela mágoa de criança. Hoje não.*

Foi a partir desse período que, decidida a dar um fim "nessa estória de neguinha", Juliana pareceu ter passado por uma espécie de reforma íntima. Dar um basta não se expressou em tomar uma atitude todas as vezes que percebia formas preconceituosas de as pessoas se referirem ou se dirigirem a ela, mas dizer para si mesma: chega!

*Eu acho que foi a partir de uns 13 ou 12 anos. [...] E eu me lembro que eu assistia muito a TVE. [...] E lá tinha muito programa sobre negro, sobre discriminação racial e eu acho que foi a partir disso que eu fui...ah, eu sou negra mesmo e tenho que ter orgulho disso. Mas eu já não me comportava mais como na escola. Meu comportamento era diferente. Eu já tava fazendo o ginásio e, aí, você começa a se comportar diferente. Eu sou negra, sim. E começa a querer usar cordão com coisas da raça, que representa sua raça. Foi a partir dessa idade.*

Os marcadores identitários estão expressos de múltiplas formas através das quais Juliana evidencia o orgulho por se perceber negra. Para além dos cordões ou dos penteados trançados, há a certeza da tomada de consciência e de transformação no

seu modo de se aceitar quando revela que "[...] Eu me sinto! Adoro que olhem pra mim, adoro que admirem a minha cor. Se tá olhando é porque admiram a minha cor!".

Como éramos depende do que somos no presente. A memória busca ser lembrada dentro de uma coerência com aquilo que o indivíduo é no presente. Em ambos os casos, a relação com o preconceito sofrido como experiência dolorosa tende a ser amenizada na medida em que o presente reorganiza o passado. Configura-se, segundo Schacter (2003), em um dos pecados da memória que está inscrito na necessidade de distorção de coerência e de mudança. Para o autor, "nossas lembranças do passado são muitas vezes reescritas para se acomodar às nossas opiniões e necessidades do presente" (p. 172). No caso dessas jovens, tão importante quanto certas adaptações às necessidades foi a tomada de consciência de sua condição e da capacidade de assumir uma identidade negra marcada pela experiência e orientada pela memória.

Thompson (1981) faz uma análise aprofundada e cuidadosa sobre o conceito de experiência que permite romper com os limites impostos pela prática teórica que arroga para si o poder explicativo totalizante da realidade. Para o autor, esses "sistemas teóricos auto-suficientes" – e, aqui, ele faz referência aos modelos marxistas, ou melhor, aos *marxismos* – não contribuem "para uma exploração aberta do mundo e de nós mesmos" (Thompson, 1981, p. 185). Isso somente é possível, segundo ele, se levarmos em consideração a experiência humana, que deve ser analisada dentro de um mesmo "rigor teórico" a fim de proporcionar ao pesquisador o constante "diálogo entre a conceptualização e a confrontação empírica" (Thompson, 1981, p. 185). Propõe que essa conversa possa ter como referenciais alguns conceitos centrais da tradição marxista e que rompa com a finitude, com a ideia de acabamento, e conduza na direção da exploração aberta e contínua da realidade através da permanente indagação dessa mesma realidade. Esta somente poderá ser compreendida enquanto processo dialético que prescinde da análise empírica se tiver como foco central a experiência de

*Pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismos, e em seguida "tratam" essa experiência em sua consciência e sua cultura (as outras duas expressões excluídas pela prática teórica) das mais complexas maneiras (sim, "relativamente autônomas") e em seguida (muitas vezes, mas nem sempre, através das estruturas de classe resultantes) agem, por sua vez, sobre sua situação determinada (Thompson, 1981, p. 182).*

A experiência é um movimento, um processo contínuo de subjetivação comum a indivíduos de uma mesma classe que se opera em determinado período histórico. É esse processo que permite a descoberta da similaridade de situação, que parece ser importante para a elaboração da identidade de classe forjada na materialidade dessas experimentações. É nele que se apoia, também, a compreensão da juventude como geração.

A noção de experiência, a partir da conceituação proposta por Thompson, mostra que é possível identificar como se tecem as relações entre sujeitos de um mesmo grupo social – nesse caso, a família ou suas diversas recomposições – e como suas ideias se processam no tempo presente. Nesse contexto relacional, fica bastante manifesto que a questão da classe não desaparece, mas o que se procura evidenciar é o campo das relações familiares – relações essas estabelecidas entre sujeitos de uma mesma classe – como lugar de construção da experiência e, principalmente, das relações de trocas daí advindas e que permitem a construção da experiência juvenil que se inscreve na memória. É muito significativa a ampliação do conceito de classe<sup>4</sup> sugerido pelo autor, bem como sua "flexibilidade e indeterminação", uma vez que nos permite compreender a experiência como um conjunto de relações e ideias<sup>5</sup> em que estão expressos "todos esses sistemas densos, complexos e elaborados pelos quais a vida familiar e social é estruturada e a consciência social encontra realização e expressão" (Thompson, 1981, p. 188-189). São sistemas que dão historicidade às relações familiares e sociais cujos indivíduos se fazem sujeitos do processo histórico. Mesmo compreendendo que a memória não é a história, esta pode ser recuperada por diversos elementos e fatos presentes nas lembranças dos indivíduos. Vivenciar a experiência das e nas relações sociais é viver na perspectiva da construção e aprendizagem de valores vinculados a essas relações e que dão materialidade à própria vida e à continuidade do grupo. São esses valores, "normas, regras, expectativas etc. necessárias e aprendidas (e 'apreendidas' no sentimento) no 'habitus' de viver" que, segundo Thompson, mantêm a vida social. Entretanto, torna-se importante verificar como essas relações se (des)estruturam, bem como a própria vida social em contextos nos quais esses valores e normas são questionados ou não reconhecidos pelos jovens como sendo seus. Para Dubet, a experiência é a possibilidade de superação dos limites presentes na sociologia clássica, que entendia o indivíduo como um sujeito integrado e suas ações também integradas a um modelo social que estaria dado segundo um sistema estabelecido de acordo com normas e valores comuns a todos. As condutas individuais e coletivas não são mais constituídas segundo papéis previamente determinados, respeitando modelos de ação

<sup>4</sup> "Não vejo a classe como 'estrutura' nem mesmo como uma 'categoria', mas como algo que ocorre efetivamente (e cuja ocorrência pode ser demonstrada) nas relações humanas" (Thompson, 1997, p. 9).

<sup>5</sup> "[...] as pessoas não experimentam sua própria experiência apenas como ideias, no âmbito do pensamento e de seus procedimentos [...]. Elas também experimentam sua experiência como sentimento e lidam com esses sentimentos na cultura, como normas, obrigações familiares e de parentesco, e reciprocidades, como valores ou (através de formas mais elaboradas) na arte ou nas convicções religiosas" (Thompson, 1981, p. 189).

previamente determinados. São, ao contrário, resultado de diferentes práticas orientadas segundo uma "heterogeneidade de princípios culturais e sociais que organizam essas mesmas condutas" (Dubet, 1994, p. 14). De acordo com esse mesmo autor,

*[o]s papéis, as posições sociais e a cultura não bastam para definir os elementos estáveis da ação porque os indivíduos não cumprem um programa, mas têm em vista construir uma unidade a partir dos elementos vários de sua vida social e da multiplicidade das orientações que consigo trazem (Dubet, 1994, p. 16).*

Outro aspecto importante que François Dubet destaca na construção da noção de experiência – e que contribui para a sua aproximação da relação entre juventude e memória – diz respeito ao fato de que esta é construída segundo diferentes lógicas de ação<sup>6</sup>. Essa heterogeneidade garante ao jovem uma autonomia relativa como sujeito de sua própria experiência construída em um mundo presente. Embora tenha autoria para essa construção, a mesma é relativa, uma vez que "os elementos sobre os quais se assenta essa construção não pertencem aos indivíduos", mas ao meio social (Dubet, 1994, p. 17). Como não há mais um papel a desempenhar segundo uma lógica de ação prévia, é a possibilidade de organizar essas mesmas lógicas segundo diferentes interesses e práticas que torna o jovem sujeito autônomo de suas ações.

## Memórias de tempos recentes

Todo grupo social possui uma história que é contada pelos elementos presentes na memória de cada um de seus indivíduos. Esse contar, segundo Bolle (2000, p. 351), é importante para cada integrante, pois, "num tempo de destruição, o sujeito consegue, pelo trabalho da memória, encontrar nas camadas mais profundas: uma imagem da sua identidade. Indestrutível. Isso não é pouco em termos de perspectiva de futuro". Os relatos, as lembranças, são potencializados e ganham vida através da troca possível na arte de contar. A história de um grupo, de uma comunidade afetiva, passa pela tradição da oralidade e ainda é estendida de uma geração à outra; está repleta de vida, do social que conforma esse grupo, pois "a história da família pode dar ao indivíduo um forte sentimento de uma duração muito maior da vida pessoal" (Thompson, 1992, p. 20). Algumas formas particulares de os jovens promoverem a articulação entre memória, identidade e experiências vivenciadas em seus distintos espaços familiares são apresentadas a seguir. Observam-se formas pe-

culiars de os jovens lidarem com essas articulações e que buscam responder às seguintes questões: como os jovens lembram? Do que lembram? Mais do que relatar fatos e acontecimentos, existe a intenção de proporcionar alguns subsídios que nos permitam observar as aproximações e similaridades nos usos da memória por sujeitos jovens que fazem parte de contextos sociais semelhantes e, apesar disso, o fazem de maneiras bem distintas.

Diferentemente da maioria das jovens de sua geração, Jeanne também gosta de ouvir outros gêneros musicais que vão do samba à MPB. Dona de um gosto musical bastante eclético, ela ressalta que não tem preconceitos com relação a ritmos e estilos e que não está aprisionada àquilo que a mídia tende a impor como sendo a música ou o estilo da vez, aquele que deve ser consumido e, por isso, somos frequentemente bombardeados por todas as estações de rádio disponíveis no *dial*. Destaca que esse ecletismo é resultado, principalmente, da convivência com a sua mãe, mas, também, com outros membros da família. Ao mesmo tempo em que fala, ela mobiliza a sua memória e isso é uma função importante da entrevista, ou seja, trazer ao presente as lembranças que marcam essa mesma memória juvenil – "lembrei da minha época agora!". A frase parece se referir a um tempo muito remoto, aquele tempo dos velhos, dos idosos e que estava muito distante. Entretanto, ela, aos 19 anos, se reencontra com o seu tempo de memória cuja distância tem a intensidade daquele que lembra. A memória, para aquele que lembra, é quase sempre relacionada a um tempo longínquo. Independentemente de quem lembra, ele parece estar sempre muito distante, não guarda relação com a cronologia. Essa relação somente aparece quando as datas, as idades, são necessárias para dar suporte à memória e contextualizá-la em um tempo histórico que se confunde com o tempo de memória que, nesse caso, é episódica e de longo prazo (Schacter, 2003).

Foram as reuniões familiares e as festas que lhe permitiram o contato com a música negra desde quando era criança. Ela lembra que foram os relatos e as conversas entre os seus tios e a sua mãe que despertaram o gosto e a sua curiosidade em saber mais sobre aquele movimento cultural do qual eles sempre falavam quando se reuniam. As conversas animadas ao som dos vários cantores e cantoras produziam um clima bastante amigável e feliz, repleto de emoção. A sua estória com o Charme "vem da questão familiar mesmo. Festas, família". As festas eram, além de espaços de socialização, momentos de rememoração intensificados pela tentativa de reproduzirem em casa o ambiente mágico dos bailes que persistem por conta de que "as emoções estão estreitamente relacionadas à percepção e ao registro de informações que, por sua vez, influenciam a recriação de novas

<sup>6</sup> Para Dubet, a experiência social é resultado da articulação de lógicas de ação elementares, das quais destaca três: a lógica da integração, a lógica estratégica e a lógica da subjetivação (1994, p. 19). Estas são combinadas de maneiras diversas, não hierarquizadas, autônomas, individuais e subjetivas. "Assim, na lógica de integração, o actor define-se pelas suas pertenças, visa mantê-las ou fortalecê-las no seio de uma sociedade considerada então como um sistema de integração. Na lógica da estratégia, o actor tenta realizar a concepção que tem dos seus interesses numa sociedade concebida então 'como' um mercado. No registro da subjetividade social, o actor apresenta-se como um sujeito crítico confrontado com uma sociedade definida como um sistema de produção e de dominação" (Dubet, 1994, p. 113).

lembranças" (Schacter, 2003, p. 22). Assim, o cenário de música e de luzes permitia, a cada encontro, a volta ao passado e a sua reconstrução através de narrativas cujas imagens eram construídas por Jeanne e, posteriormente, reconstruídas cada vez que voltavam a lembrar os bailes.

*Era muito de festa de aniversário com os amigos da minha mãe, dos meus tios também, e minha mãe ia muito [...] e é bem antiga essa história com o Charme. A minha mãe sempre foi a eventos soltos, esses bailes que tinham Soul que era em Irajá. Ela chegou a pegar a época da luz negra que tinha em Irajá quando lançou. Então quando tinha festa tocava música Soul e eles ficavam dançando, os quatro, cinco irmãos.*

O passeio pelo passado revela o encontro com a memória emprestada de tempos não vividos e que se referem à lembrança das lembranças dos outros. Ainda que esses tempos não voltem mais, eles são constantemente revisitados pelos familiares. Cada regresso é realizado por Jeanne na companhia de seus tios. Lembrar pode ser um modo particular de comemorar a própria vida: "o mais legal é que quando eles se reúnem eles adoram falar nas festas que eles fizeram. Tocava música e tal, apagava a luz e ficava piscando, luz colorida, tinha essas coisas. Então, desde pequena eu tive a curiosidade, eu sempre curti". Da mesma forma que a criança é capaz de criar um mundo imaginário a partir do que ouve na contação de histórias – hábito esse que, aos poucos, vai perdendo o seu espaço em uma sociedade na qual a oralidade e a imaginação vão sendo substituídas pela velocidade das imagens midiáticas, que não dão muito tempo/espaço para a viagem por lugares inventados nem pelo exercício de ouvir e idealizar –, Jeanne, a cada reunião familiar, podia, a partir das lembranças de seus parentes, criar um mundo particular onde todos estavam presentes e ela como expectadora. A casa tornou-se o lugar da re-memória. Entretanto, a memória de tempos não vividos ou vividos por tabela se junta à memória de sua infância e se superpõe ou se sobrepõe, se funde para dar sustentação às suas lembranças pessoais, formas individuais de acionar a memória. Memória de jovem. Memória capaz de acionar até mesmo a emoção que não tem necessidade de ser explicada pela razão, que simplesmente é mobilizada pela música, afinal "o efeito da emoção começa no momento em que a memória é criada" (Schacter, 2003, p. 200).

O canal de expressão da memória é a oralidade, através da qual o sujeito estabelece relações entre si, a sua cultura e o espaço social no qual valores sociais, posicionamentos são frequentemente revisitados. Os jovens, ao se relacionarem com o universo dos adultos, em algumas situações narram os acontecimentos vividos por tabela, uma vez que, nas suas lembranças, aparecem elementos ou eventos que, certamente, foram relatados e/ou vivenciados pelos adultos participantes de seu espaço de socialização cultural. Entretanto, em função da relevância desses eventos, os jovens fazem referência aos mesmos sem necessariamente terem deles participado. As suas reminiscências podem ser informadas pela memória inventada dos bailes e das

festas. O passado reelaborado tem como base a realidade e os fatos do presente e, por diversas vezes, apoia-se naquilo que o jovem ouviu dizer ou que teve a oportunidade de experimentar.

Pollak (1992) sugere a possibilidade de ocorrer um fenômeno de identificação com o passado que é projetado no presente através dos processos de socialização política e histórica. O presente possui uma origem que se funda e se reatualiza na lembrança. Para sabermos o que somos e/ou onde estamos, torna-se necessário, segundo Brandão (1998), compreender de onde viemos, trazer à tona nossas trajetórias que nos permitiram estar aqui e através das quais nos constituímos sujeitos. É a memória que articula o presente e o passado. É a memória geracional que vai buscar no passado os elementos que possam contribuir para explicar o presente, para dar sustentabilidade ao futuro. É no passado que o presente se explica em um processo da realidade social e subjetiva. O passado pode se apresentar como continuidade, como herança geracional, mas pode, também, ser ressignificado pelas novas gerações no presente através, dentre outras coisas, de constantes reinterpretações da memória. Nesse sentido, a memória reinterpreta o passado e é por ele reinterpretada no presente. O seu papel é "fornecer uma ligação entre o presente e o passado. Entretanto, na nossa vida cotidiana, a memória diz respeito tanto ao futuro quanto ao passado" (Schacter, 2003, p. 70). É o elo que conecta a identidade e a trajetória construída por experiências vivenciadas ou aquelas a serem vividas, o que nos permite afirmar que, não só, mas, principalmente, o jovem é a soma de suas memórias que organizam a sua vida.

## Memória é herança

O fenômeno intrínseco de projeção e de identificação com o passado pode ocorrer, também, por meio da socialização cultural. Desse modo, "a memória quase herdada" pelos jovens se expressa como resultado das relações estabelecidas com os adultos nos espaços de elaboração de suas identidades. A identidade juvenil é organizada, em parte, pela memória herdada – esta compreendida como um fenômeno construído social e individualmente. A herança é transmitida pelas lembranças que são compartilhadas nas relações sociais, na sociabilidade manifestada em espaços como a casa, a rua e a festa. Mas é, também, no apagamento da memória (como construção social) como o pré-construído que o sujeito se funda como indivíduo, sabendo-se senhor da própria história.

Fazer parte de um grupo permite potencializar a lembrança através de experiências em comum ou de traços de acontecimentos que, mesmo não vivenciados da mesma maneira por todos os membros, podem caracterizar pontos de identificação por pensamentos em comum. A existência de uma comunidade afetiva possibilita a reconstrução de lembranças compartilhadas, mas que não são produzidas, necessariamente, de forma igual. A continuidade de pertencimento ao grupo permite lembranças individuais e coletivas que são ativadas pelos aspectos comuns a este e vividos de diferentes maneiras e intensidades.

Permite, ainda, que os sentimentos em comum constantemente experimentados no grupo e pelo grupo fortaleçam a existência da memória coletiva. É ela – a memória coletiva – que serve de apoio para a memória individual manifestada nas lembranças particulares, pessoais. Porém, essas lembranças são quase sempre evocadas a partir do ponto de vista do grupo, visto que o homem é, por natureza, um ser social (Halbwachs, 2004, p. 50).

Julio recorda que o seu gosto e a sua identificação com a *Black Music* vêm desde os tempos de criança, quando era comum estar em companhia de sua mãe, auxiliando-a nos fazeres domésticos. Ao mesmo tempo em que ouviam música, o trabalho era feito com trilha sonora ao fundo. Isso recupera, em certo sentido, a histórica relação entre o trabalho e as canções, como no caso das *Holly Fields* entoadas pelos trabalhadores negros das lavouras norte-americanas, canções essas que servem de marcos constitutivos do *Jazz*, bem como de todos os outros ritmos dele derivados. Esse costume apontado por vários jovens entrevistados influenciou a educação de seus gostos e sentidos, o que, para Julio, simboliza uma importante herança que sua mãe deixa. Desse modo, o espaço da casa apresenta-se como lugar privilegiado de educação e de relações intergeracionais pautadas na aprendizagem de valores contidos na divisão e na participação nas tarefas domésticas, assim como no contato com a história de uma geração que contribuiu para a construção do movimento cultural do Charme. Julio lembra que o seu gosto pela *Black Music*

*Foi influência da minha mãe que, desde pequeno, ela colocava pra mim música de Charme. Enquanto estava arrumando a casa e tal, ajudava a ela, e ela colocava essas músicas. E foi o que me levou a gostar de Charme. Também o fato dela me levar nos bailes pra ver como era, e acabei gostando de baile de Charme.*

Ele recorda que o seu contato com o movimento aconteceu desde cedo, por conta de ela ter o hábito, assim como a maioria dos charmeiros que foram entrevistados, de arrumar a casa ao som de *Flash Back*. Isso foi importante para que Julio fosse, aos poucos, conhecendo as variações da música negra, assim como um pouco de sua história. Esta, em certa medida, mistura-se às histórias contadas por sua mãe e referiam-se aos seus tempos de juventude e dos bailes que frequentava. Cada música simbolizava uma viagem no tempo, uma volta ao passado e que Julio compartilhava mesmo sem ter vivenciado, mas que lhe permitia construir imagens particulares. Além da proximidade com a memória, as músicas permitiam o contato e o conhecimento necessários para formar a sua base cultural que, posteriormente, veio a influenciar na sua caminhada como um jovem *DJ*.

A sua trajetória no universo do Charme está relacionada aos gostos familiares, cujos fatos marcantes são lembrados para ajudá-lo a entender de onde vem a sua relação, a sua ligação e a definição pelo gostar de *Black Music*. São os seus tios, sua mãe e o padrasto os responsáveis por esse interesse.

*Eu acho que está no sangue, porque praticamente quase a minha família inteira está no Charme. Os tios, meus avós, eles frequentavam muito baile Charme na época deles. Até hoje frequentam também e eu acho que isso acarretou também para eu estar aí nesse mundo do Charme.*

Sua memória está tecida de lembranças de infância e que remetem, na maioria das vezes, às narrativas construídas por seus parentes mais próximos. Ainda que não tenha vivenciado um período importante da musicalidade negra, é através dos relatos dos adultos que ele pôde construir os quadros de memória emprestada em um processo de memória da memória dos outros, ou seja, metamemória. Ao falar, por exemplo, que “eu acho também a própria questão, das roupas, da vestimenta, existem muitos desses antigos que prezam mais o linho [...]”, ele lembra a importância que o traje possui para os adultos na elevação de sua autoestima através do estar alinhado, e essa é uma questão muito cara aos circuitos do Charme.

Fazer parte de ou cultivar uma tradição<sup>7</sup> estabelece fortes laços entre o eu e o grupo. Ameaçar “a integridade das tradições é colocar em risco a própria integridade do eu e, por conseguinte, as identidades coletivas e individuais conectadas pelas tradições” (Giddens, 2001, p. 56). As sociedades modernas, embora destradicionalizadas, não perderam vínculos com a tradição. Mesmo que esta não possua mais um papel preponderante na modernidade, muitos de seus elementos estão preservados, ainda que transformados, o que parece conferir importância à memória como possibilidade de presentificar o passado. É através dela que a tradição pode ser trazida e reinterpretada constantemente como construção coletiva que organiza e dá significado ao presente, e essa complexa tarefa é desempenhada, principalmente, pelos jovens.

## Considerações finais

A memória juvenil pode ser construída por lembranças emprestadas. Pode ser apoiada nas relações vivenciadas coletivamente, mas são lembranças ressignificadas de forma particular. Estas são o resultado de imagens formadas a partir das narrativas dos adultos participantes de sua comunidade afetiva. Seres sociais, os jovens nos apontam que as suas experiências e vivências no interior do grupo são importantes para a elaboração de suas identidades, a partir das lembranças manifestadas no universo da memória coletiva.

<sup>7</sup> O culto ao passado produzido por rememorações ritualizadas pode aprisionar o sujeito em uma história que não permite a transformação do presente devido à impossibilidade de criação de novos sujeitos e novos significados para esse mesmo presente. Tal aprisionamento, certamente, não contribui para iluminar e orientar as trajetórias juvenis, senão para uma espécie de culto à memória desprovida de sentidos e que não contribui para as transformações simbólicas necessárias às identidades forjadas no presente. O sentido da memória está na sua capacidade motora de recriação e reinvenção do passado como orientadora do futuro e da própria identidade.

Embora modernizadas, as tradições mantêm algumas de suas matrizes constitutivas: meio de identidade individual e coletiva e relacionada ao ritual. Há rituais reinventados por grupos juvenis e que podem significar a presença de modernas tradições a serem observadas em diversas manifestações da vida cotidiana, mas, principalmente, nas manifestações culturais marcadamente juvenis. Estas se constituem em espaços de re-invenção de linguagens próprias e através das quais é possível informar-se e formar-se culturalmente. Para além da mercantilização e da globalização das culturas juvenis, é preciso pensar a juventude e suas formas desiguais e diversas de estar presente nos diferentes contextos sociais. Nesses contextos, poderemos encontrar grupos juvenis como geradores de cultura e organizados em redes culturais que passam por sociabilidades no interior de universos simbólicos específicos. São parte de uma mesma geração que parece organizar uma sociedade que comporta a diversidade expressa nos próprios grupos de identidade e, principalmente, nas relações de classe que estão estampadas no acesso desigual aos recursos materiais e simbólicos. Questões como essas podem nos ajudar a compreender a multiplicidade de expressões culturais marcadas pelas distintas experiências, muitas delas resultado de estar no mundo em condições sociais adversas.

A experiência está relacionada ao grupo, às relações sociais e familiares, assim como aos espaços culturais e midiáticos. Pode ser compreendida, também, dentro das lógicas de ação, de caráter intrinsecamente subjetivo. Ambas as possibilidades são importantes para a diversidade de tipos juvenis presentes nos espaços da *Black Music* e suas distintas formas de articulação com a memória.

## Referências

- BOLLE, W. 2000. *Fisiognomia da metrópole moderna*. São Paulo, EDUSP, 426 p.
- BONDIA, J.L. 2002. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, 19:20-28. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>
- BRANDÃO, C.R. 1998. *Memória sertão: cenários, cenas, pessoas e gestos nos sertões de João Guimarães Rosa e de Manuelzão*. São Paulo, Editorial Cone Sul/ Ed. UNIUBE, 307 p.
- BRANDÃO, C.R. (org.). [s.d.]. *As faces da memória*. Campinas, Gráfica ASE/UNICAMP, 115 p. (Coleção Seminários, 2).
- DUBET, F. 1994. *Sociologia da experiência*. Lisboa, Instituto Piaget, 284 p.
- GATTO, E.A.G. 2009. *Caminhos do ser: música e abismo*. Rio de Janeiro, RJ. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 341 p.
- GIDDENS, A. 2001. *Em defesa da sociologia: ensaios, interpretações e trélicas*. São Paulo, UNESP, 394 p.
- GOMES, N. 2003. Cultura negra e educação. *Revista Brasileira de Educação*, 23:75-85. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782003000200006>
- HALBWACHS, M. 2004. *A memória coletiva*. São Paulo, Centauro, 197 p.
- MARTINS, C.H.S. 2010. *Memória de jovens: diálogos intergeracionais na cultura do Charme*. Niterói, RJ. Tese de Doutorado. Universidade Federal Fluminense, 261 p.
- MARTINS, J. de S. 2000. *A sociabilidade do homem simples*. São Paulo, Hucitec, 176 p.
- MELUCCI, A. 2004. *O jogo do eu*. São Leopoldo, Editora Unisinos, 184 p.
- POLLAK, M. 1992. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, 5(10):200-212.
- SANSONE, L. 2003. *Negritude sem etnicidade*. Salvador, EDUFBA/Pallas, 334 p.
- SCHACTER, D.L. 2003. *Os sete pecados da memória: como a memória esquece e lembra*. Rio de Janeiro, Rocco, 308 p.
- THOMPSON, E.P. 1997. *A formação da classe operária inglesa: a árvore da liberdade*. 3ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, vol. I, 204 p.
- THOMPSON, E.P. 1981. *A miséria da teoria ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro, Zahar, 231 p.
- THOMPSON, P. 1992. *A voz do passado: história oral*. São Paulo, Paz e Terra, 386 p.

Submetido: 15/09/2011

Aceito: 09/10/2011